



O carinho com que um soldado inglez socorre  
um ferido alemão

(The Sphere)

# Ilustração

2.<sup>a</sup> série—N.º 473

Lisboa, 115 de Março de 1915

Redacção, administração, officinas de composição e impressão: RUA DO SEculo, 43

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SEculo

Director: J. J. DA SILVA GRACA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, Lda

Editor: JOSÉ JOVENY CRAVES

ASSINATURA PARA PORTUGAL COLONIAS  
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Trimestre .....	1\$20	ctv.
Semestre .....	2\$40	"
Ano .....	4\$80	"

# Portugueza

Numero avulso, 10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, 1Rue des Capucines, 8



**Armas E Cartuchos Remington-UMC**

"Os cartuchos UMC trazem-me gratas lembranças da minha mocidade. Os legítimos "U" como nos os chamamos aqui por estas regiões, foram os favoritos do meu pai e tem sido a parte inseparável da vida de meus filhos. Companheiros fiéis em todas as nossas caçadas, e tem contribuído generosamente para o sustento da nossa família. Conhecer-se ha cincuenta annos e já se adaptam a todas as marcas e calibres de armas de fogo.

Fabricados pela Companhia constructora das armas afamadas por todo o mundo ha mais de um seculo, e agora representada pelos novos filios e erpuzas REMINGTON. As armas e cartuchos REMINGTON-UMC formam uma combinação ideal para tiro ao alvo, passeios pelo campo, ou caçadas pelos bosques. Tem sido os factores indispensaveis, na minha familia, porque desde a minha infancia tem este facilitado o *Pão Nosso de Cada Dia*.

As armas e cartuchos REMINGTON-UMC encontram-se á venda nas casas principaes em todas as partes.

Enviámos gratis, circulares descriptivas, catalogos e cartazes a côtes a quem os solicitar.

**Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.**  
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil  
**LEE & VILLELA**  
Caixa Postal 420, São Paulo  
Caixa Postal 103, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas  
**OTTO KUHLEN**  
Caixa Postal 20 A.  
Mandacari

**Polieia particular**

Instituto especial para informações, investigações e vigilância de pessoas, sob a direção do detective Silva.

Rua do Regedor (ao Caldas) 9, r/c.

TELEPH. 263

**PERFUMARIA** Nº 263

**ROSA D'OURO**

COL. 054

SORTIMENTOS

Rua do Oura 281 JOAQUIM H. ALVES

LISBOA

**FOTOGRAFIA**

*Remlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre — PARIS**

TELEFONE: Gutenberg 42-00 ASCENSOR

**PARA ENCADERNAR A**

**"Ilustração Portuguesa"**

Já estão á venda as capas em percaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1914, da *Ilustração Portuguesa*.

**PREÇO: 360 réis**

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviemos para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

**ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»**  
Rua do Seculo, 43—LISBOA

**REMEDIO FRANCÉS**

**XAROPÉ FAMEL**

CURA AS **TOSSÉS**

**FRASCO 1 ESCUDO**

Em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 116, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com Frasco 2 Francos.

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e

Fotogravura, Stereotipia, Composição

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

**Ilustração Portuguesa**

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços módicos e com inextinguível perfeição

**Stereotipia**

De toda a especie de composição

**Zincogravura e Fotogravura**

Em zinco simples de 1ª qualidade, cobreado ou nicklado.

Em cobre.

A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes, com temas especiaes para este genero de trabalho.

**Composição e impressão**

De revistas, ilustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

### Constantinopla:

Foi nos Balkans que se accendeu a conflagração europea. E' para os Balkans que, ao fim de sete mezes de guerra, se volta a ansiosa atenção das grandes chancelarias. No dia em que esta Cronica for publicada, terão sido forçados os Dardanelos. Constantinopla encontrar-se-ha já, segundo todas as probabilidades, ao alcance da grossa artilharia



das esquadras aliadas. Em bréve as primeiras grandes anglo-francesas explodirão nos jardins maravilhosos do «Corno de Ouro»; coallhar-se-hão de mortos as vielas estreitas dos bairros dos gregos e dos judeus; o incêndio co-roará a «Tophana»; hirões nas suas dalmáticas, hão de levantar-se das névoas do Bósphoro os espetros assombrados dos imperadores bysantinos, — e a imensa basilica de Santa Sophia, fechada desde 1453 ao culto cristão, verá deslumbrada, ao clarão dos seus mosaicos resplandecentes, erguer-se a primeira hostia e dizer-se a primeira missa.

### Pelo telefóne, a M.me Y:

O espartilho? Mas é um mal necessário, minha querida amiga. Só as «Madalenas» de Rubens podem ter o orgulho da sua carnacão admirável, — e você, embora pareça, não é positivamente um Rubens. Todas as tentativas de abolição do espartilho não passam de «complots» das mulheres magras contra as mulheres gordas, — de vastas conspirações do osso contra a carne. O espartilho é uma instituição. Brutal como os coletes de ferro do museu de Cluny; leve, transparente, quasi imaterial como o «corset Butterfly» ou como o «maillot Cavallièri», — o espartilho ha de existir sempre, emquanto se dêr a perturbadora fatalidade de haver uma mulher na superficie da terra. E existirá, não apenas por ser util á mulher, — mas, muito especialmente, por ser agradável ao homem. Oíça o que ainda hontem disseram d'ele tres belezas profissionais: «O espartilho, bem compreendido e bem praticado, chega a ser uma virtude» (M.me Henriette Roggers); «deixo o espartilho, quando me provarem que as flores o não teem» (M.me Sylvia); «le corset — vae em francez para não perder o sabor — c'est quelque chose de charmant quand on le mêt, mais d'exquis



quand on le retire» (Jeanne Granier). Pois não é verdade, minha querida amiga, que, para dar a alguem o prazer de lh'o tirar, — é bem empregado o sacrificio de o ter posto?

### A «Verdade»:

A estátua da Verdade está de braço ao peito. Quebraram-lhe dois dedos. Quem? A Camara Municipal. Quem mais? A policia. Se o monumento do largo do Quintela é, na fraze d'um illustre arquiteto, «todo cheio de fragilidades»; se para a sua conservação se julgava indispensavel a tranquillidade d'um jardim fechado, — por que o não fez remover a Camara, onde ha tanta gente culta e inteligente? E, não o removendo, — por que não requisitou a policia necessária para o guardar? E se a requisitou, — como permite essa policia que em volta d'uma estátua, que é uma maravilhosa obra d'arte, bandos de garotos imundos joguem o «football» e a pedra?



Não. A responsabilidade do atentado não é do povo, a quem falta não só a cultura estética, mas toda a cultura; não é da «rua», verdadeiramente admiravel na sua insensibilidade perante a beleza: — é do município; é da policia.

### «Coração de Mulher»:

Quasi todos os cultores contemporâneos do romance portuguez emudeceram. Teixeira de Queiroz, o creador do «Dom Agostinho», revê e refunde pacientemente a sua obra gloriosa; Abel Botelho esquece-se, em Buenos Ayres, de que foi um grande romancista; Malheiro Dias, cuja «Paixão de Maria do Céu» é uma obra prima, vive retirado e silencioso no Brazil; restam-nos João Grave e Sousa Costa. O primeiro, ainda ha pouco nos deu os «Famintos» e o «Reflo-rir»; o segundo acaba de dar-nos, em edição da casa Aillaud, uma novela notavel, cheia de paixão e de interesse, de veemência e de energia: «Coração de Mulher».



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



Grande numero de rapazes que tinham discutido acaloradamente os acontecimentos no pateo do liceu fechadas agora as aulas, des- ciam a rua

em grande algazarra vociferando e gesticulando todos ao mesmo tempo e vieram abancar n'um café proximo, habitualmente frequentado por estudantes das ultimas classes, muitos d'elles homens feltos, e pelos intellectuaes da terra.

Estes ultimos, satisfeitas as necessidades do estomago á mesa da familia, reuniam-se mais particularmente á noite e ali iam, a titulo de facilitar a digestão, perturba-la até por essa meia noite com a ingestão de venenos nervinos disfarçados sob a rubrica de café, biter, cognac, genebra e quejandas coisas. E ao passo que assim arruinavam lentamente as visceras digestivas e não digestivas, iam desfilando o provavel e o possível de quanto se passava na sua terra e pelo mundo fora sobre letras, artes e politica, em cujos membros complicados se embrenhavam como se estivessem no segredo de todas as chancelarias, de modo que á medida que a berberique os exaltava, de todos os lados surgiam alvitres salvadores que mais pareciam alucinações de demontados que cerebrações de individuos arrogando-se o direito ás homenagens dos conterraneos como luminares indignos pela Providencia a reger os destinos dos restantes homens.

Aqueles, os estudantes menos dignificados, por' m mais simpáticos, juntavam-se de preferencia depois das aulas, ás horas em que os cerebros, vasioes os estomagos, se espiritualizam nas concções elevadas, e discorriam com o ardente e impetuoso entusiasmo da mocidade, nem sempre ajuizada, mas propensa sempre a abraçar os ideas generosos, revolvendo todos os temas n'aquelle modesto café de uma terra obscura de provincia. Interessados todos mais ou menos pelos relatos sensacionais dos periodicos chegados da capital no correio da manhã, o assunto dos ultimos dias era a guerra.

Os proprios «penachistas», occupados a corrigir os apontamentos escolares, para formar as «esbetanas» do ano seguinte, não se continham que não dessem a sua adesão ou o seu voto a algum parecer emitido nas mesas proximas, confraternizando todos no sentir e mais ou menos nos principios, mal definidos ainda pela maior parte, em cabeças de tão verdes anos.

A gritaria dos estudantes n'essa tarde era infernal. Os jornaes da vespera narravam, com os mais horri- veis pormenores, atrocidades inauditas e violencias bestiaes exercidas pelos soldados inimigos sobre as infeli- zes populações da Belgica impotente, apesar do seu heroico valor, para tirar o desforço de taes ultrages. E a indignação dos generosos rapazes chegára ao auge. Tu- do queria ir oferecer-se para combater ao lado do que restava d'esse corajoso povo e vingar as mulheres ultra- jadas, as creanças mutiladas, os velhos enterrados vivos, as barbaridades e os crimes perpetrados com uma ferocidade tal que não resava a historia de cousa assim espantosa.

Entre todos o mais exaltado era Luiz Correia, aluno da setima classe, dezoenove anos, robusto, alma entu- siasta, sentir elevado.

As suas qualidades de caracter tinham-lhe grangeado amigos não só entre os concdiscipulos mas tambem nos frequentadores do café onde os estudantes se reuniam depois das aulas.

Um dos que lhe consagrava imensa estima era Jero- nimo Pereira, lavrador de modestos haveres dos arredo- res que desde os vinte anos, tendo perdido mãe e pae, administrava os seus bens indolentemente, n'uma certa indiferença pelas contingencias da vida, e habitava a casa arruinada que possuia na cidade tendo por unica e fiel companhia a velha creada que o desmamara e que o amimava ainda, a boa Antonia, como quando era creança, ao seu «menino» Jeronimo, uns trinta anos fel- tos.

Por uma d'estas inexplicaveis afinidades, Luiz e Je- ronimo tinham-se sentido atraídos um para o outro e apesar da differença de idades, amavam-se como irmãos. E Jeronimo, uma dezena de anos mais velho, com o ce- rebro mais amadurecido, olhando as cousas a sangue frio, todo fleuma, não poucas vezes conseguia acalmar, com razões bem ponderadas, o animo exaltado de Luiz, cujas fogosas expansões por vezes exageradas, aliás sempre generosas, encontravam no genio metico mais bondoso do amigo, uma indulgencia quasi paternal.

Era igualmente afeiçoado aos dois, se bem que em tão intima convivencia, o conterraneo Manuel de Sousa Matos, que, tendo concluido o curso em Coimbra no ano anterior a estes successos, viera abrir banca de advoga- do na terra onde lhe era forçoso viver (apesar de ambicion- ar um campo de acção mais vasto) para valorisar umas propriedades ruraes, restos da legitima materna salvos miraculosamente das mãos ávidas de um pouco escrupuloso tutor que lhe devorára o melhor dos seus haveres e morrera insolvente.

Casualmente á hora de todo aquele reboliço que succe- dera á leitura dos jornaes do dia, tinham-se encontrado no café, decorado pomposamente com o epileto de «aca- demicos», e reunidos os tres a uma das mesas mais reti- radas, faziam a apreciação das noticias da guerra.

A voz de Luiz, no auge da indignação, sobressaia a to- das as outras.

— Isto revolta-me, que querem vocês! E' contra todas as leis da guerra. E' selvagem.

— Os homens, quando n'elles acorda o instinto do mal são peores que feras—comentava Jeronimo socogada- mente.—Mas não é tu que lhes poderás ir á mão. Talvez tivesses a pretensão de ir por aí fóra amañçar os monos- tros!

— Mau gracejo na hora em que a todos indigna o pro- cedimento d'aqueles barbaros. E' inadecitavel a tua fteuma quando se trata de crimes de lesa-humanidade!

— Sim, os gracejos não tem cabimento n'este caso, concordo. E sinceramente partilho a tua indignação, menino. Mas para que é todo esse fogo se lhes não pô- des dar uma lição que lhes aproveite, pelo menos a alguns d'elles, mandando-os para o inferno sem remis- são?

— E porque é que não posso?—repliquo Luiz na maior exaltação.—Está mais que resolvido. Vou oferecer-me como voluntario.

— Agora és tu que gracejas, não é verdade?

— Não, Jeronimo. Estou inabalavel. Vou.

O advogado que os ouvia calado até então, descerrou os labios n'um sorriso triste dizendo em voz baixa.

— Tambem eu vou.

—Bonito! Não faltava mais nada—exclamou Jeronimo voltando-se para Sousa Matos cuja expressão melanco- lica o impressionou.—Tambem te deu para sentimentos guerreiros? Estamos arranjados!

— Os meus impulsos são menos generosos que os de Luiz. Vivo aborrecido n'este circulo acanhado da terra. Isto é monotono. Vou correr mundo, dissipar o spleen. Talvez encontre alguém que procurei em vão por aqui.

— Alguma dama da cruz vermelha em que se trans- formasse a visão dos teus sonhos...

— Justamente li que está na frente da batalha.

— Vés Jeronimo!—exclamou Luiz cheio de fogo.—Tam- bem lá anda uma portugueza. Não estou isolado no meu entusiasmo.

— Isso é invenção do Manuel. Pode lá ser!

— Alanco-te!—ponderou este serenamente. Noticiava um dia d'estes um jornal, que Margarida Ferreira, rudi- da com uma amiga n'uma estação de aguas por algum tempo, tinha conseguido ganhar uma vila de França e ambas tinham prestado os melhores servicos nas ambulancias durante um dos combates mais mortiferos. Nem ela provavelmente se lembra já do humilde advoga- do que lhe tratou da demanda com os parentes do marido na contestação do testamento. Ele é que não esque- cea a encantadora mulher. Não pode esquecer a um momento.

— E queres ir morrer-lhe nos braços, já que a beldade se não digna de te cingir n'elles em situação menos ro- mantica, aposto! O enredo dava lindamente para uns folhetins sentimentaes. Até as velhotas chorariam com a leitura—observou Jeronimo zombeteiro.

— Ri á tua vontade. Não me dissuades—insistiu decli- dido Manuel de Matos. Se não a encontrar, que é o mais provavel, n'um campo tão vasto, combatarei ao lado do

direito e da justiça e morrerêi cumprindo o meu dever. A minha classe defende-a nas pugnas do tribunal, eu quero estar ao lado dos que a glorificam nos campos de batalha. Vou combater com os belgas.

—E eu fico para aqui enquanto os meus melhores amigos se fazem matar lá ao longe sem ter quem os cubra com uma p de terra!! Pois não foste! Contem comigo para coveiro, já que me retiram as honrarias de mentor. Vou fazer bem.

—Bem o previa—disse Lino batendo-lhe amigavelmente uma palmada no hombro. Era incapaz de nos deixar partir sós, o nosso dedicado Jeronimo!

—Tenho esta queda para aturar creanças, é que deves dizer. Bom, meninos. Vão ás oito horas a minha casa para estudarmos isso. Vou dizer á Antonia que nos faça uma boa ceia e durante o festim discutiremos se é preciso arranjar camisolos de lá ou armaduras de ferro. Para mim basta-me uma enxada.

\* \* \*

Quando Luiz Correia, ao sair de casa do amigo, ouviu bater na torre as vinte e duas, hora regulamentar fixada para recolher, que seu pae não permitia fosse ultrapassada de um segundo sequer, acelerou o passo, esperando ainda poder evitar a reprimenda, graças á fraude inocente de um desvioito nos ponteiros do seu zenith! E por um natural encadeamento de idéas, á medida que se aproximava de casa, chegava á conclusão de que não havia meio de comunicar a seu pae a resolução tomada. Era tal o respeito que lhe infundia a autoridade paterna, que nunca se atreveria, via-o agora bem, e abrir a boca diante do pae, para solicitar a licença de partir para a guerra.

E tinha ficado assente em casa de Jeronimo, entrando no conuio a propria Antonia, apesar do seu temor pelos perigos bastos a que se ia expôr o seu menino Jeronimo, por esse mundo fóra, que tudo ficaria pronto para marcharem dentro de oito dias.

Manuel e Jeronimo eram livres como o ar. Mas com Luiz não se dava outro tanto. Bem pelo contrario.

Quando este assomou á porta da casa de jantar, seu pae, repoteado n'uma cadeira de verga, dormitava socegadoamente.

Ao leve ruido da cadeira que Luiz aproximou de sua mãe sentada junto á meza a seroar, João Correia abriu os olhos. Era um velhote vigoroso, homem chão, de grande senso pratico e espirito reto, muito cioso da sua autoridade de chefe de familia, que se sabia impôr singelamente pelo respeito de si proprio.

—Não te senti entrar. Mas deve ser as tuas horas. Que se diz da guerra lá por fóra!

—E mesmo da guerra que estava falando, meu pae. Sucedem-se constantemente os atropelos a tudo quanto ha de sagrado. Os alemães teem-se mostrado verdadeiros selvagens. Contava agora á mãe—joelhada significativa que ela retribuía com um sorriso sem levantar os olhos da costura n'uma complicitade inconsciente—o que se passou hoje á porta do liceu. Um grande numero de rapazes, indignados com tão estupendos crimes, resolveram ir oferecer-se para combater em França com os aliados.

—Impetos estouvados dos poucos anos. E esses rapazes não teem familia que os detenha?

—Teem, pae. Mas é tão revoltante o que se está passando!...

—Não digo que não. O que tambem é verdade é que não faltará por cá, dentro em pouco, se o meu olho me não mente, grande necessidade de gente folgada para fazer face á defeza do paiz. E na hora do perigo todo o homem bem formado estará ao lado dos seus e defenderá primeiro a sua terra que a dos estranhos. Talvez esses exaltados, por esperar, não perdessem a occasião de lutar pela boa causa!...

—Acorraio mais adextrados a defendel-a, meu pae—atreveu-se Luiz a comentar.

—Isso. Que vão fazer-se matar e voltem depois. E' bem lembrado. Discorrer de creanças. Mas deixemos esses disparates e vamos ao chã, que não pôde erguer-se cedo quem tarde se deita e a luz do dia é que dá saúde e vigor para o trabalho. Vamos a isto.

Estava percebido que, sem influencia estranha, Luiz nada conseguiria, porque seu pae não admitia replicas. E, n'esta ordem de idéas, acudiu-lhe á mente com alvo-roca a imagem do padrinho. Sim. Seria ele quem falaria e com certeza venceria o pleito, tanto imperavam as suas opiniões no animo de João Correia.

Amigos de pequenos cada um no seu meio, conservavam-se ligados sempre por uma solida afeição. O rico

auxiliara o pobre, facilitando-lhe meios de se estabelecer, apadrinhara-lhe o filho, e, secretamente, minado pelo desgosto de não os ter, afeçoara-se a este como seu, custeara-lhe os estudos, tratava-o com viva predileção, não havia emfim capricho que lhe não satisfizesse. Metodico em todas as coisas, deixara Luiz estragar-lhe algumas das melhores arvores do jardim, permitindo que ele as crivasse de balas, porque apetecia ao affilhado exercitar-se ao tiro, tendo-as por alvo.

Logo de manhã, ao outro dia, Luiz foi ter com o padrinho, que lhe prometeu obter a licença desejada e fornecer-lhe o dinheiro preciso durante a interrupção dos estudos, que Luiz promettera gostosamente logo que se fizesse a paz, voltar a seguir para obter o curso de agronomia, tanto da vontade do pae, e de que estava tão proximo, visto ter feito uns dias antes o ultimo exame do curso secundario. E com tal habilidade se houve seu padrinho junto de João Correia, que obteve, não sem relutancia, a permissão que nunca seria dada, sem tão poderosa intervenção.

Vencido este obstaculo aos desejos do valoroso rapaz, no dia marcado para a partida, em casa do Jeronimo, embarcava em Lisboa com destino a França, aquele pequeno troço de voluntarios, levados cada um por impulsos diversos, abrangido todos tres no peito nobres sentimentos de altruismo, sede de justiça e coragem de sobra para feitos gloriosos que lhes honrassem os nomes e a patria.

\* \* \*

Ferira-se a batalha do Marne, coroada de éxito pelas manobras audaciosas dos exercitos aliados, sob a direcção do general Joffre. Passado o Marne nos primeiros dias de setembro, os nossos continuavam a obter vantagens sobre o inimigo, á custa de violentos combates que precipitavam os alemães para o norte. Na frente, o segundo batalhão de voluntarios estrangeiros, onde se tinham alistado os tres amigos, fazia prodigios de valor, combatendo com uma resistencia e bravura sem equal.

Luiz, Manuel e Jeronimo, ao cabo de um mez de luta extenuante, vo lavam sempre illas á offensiva, após curtas horas de repouso, com o mesmo ardor com que se lançavam ao inimigo nos primeiros dias. Dir-se-hiam titans invulneraveis.

No fragor da batalha pareciam perder a consciencia do perigo, insensibilizados pela embriaguez da luta e carregavam com vigor, cegos ao clarão do fogo, surdos ao ruido do combate.

Luiz Correia, com as faces em fogo, o peito arquejante, a fronte gotejando sangue, de uma cutillada apañhada de raspão n'um reconte, em que parte dos inimigos juncavam o chão, parte repellidos em toda a lã, fugiam em debandada, procurava com o olhar entre os seus os dois companheiros que combatiam a seu lado e que já não via.

A' volta de si havia um montão de homens derrubados, a'guns lutando ainda corpo a corpo enlacados aos inimigos que tentavam subjugar. N'um d'aquelles reconheceu Sousa Matos, que acabava de prostrar sem vida um soldado alem o.

Os dois amigos, entrolharam-se, acudindo-lhe o mesmo pensamento: Jeronimo.

Começou então uma busca angustiosa no campo que o inimigo abandonára, rechacado pelos aliados, deixando uma massa informe de cadaveres e moribundos, pesquisa em que era difficil reconhecer alguém, porque os corpos dos atacantes, caídos na refrega, voltavam a face para a terra, derribados pelas filãs dos que avançavam n'uma offensiva desesperada.

O nome de Luiz, articulado n'um gemido, revelou, emfim, aos desditosos moços o logar onde Jeronimo jazia quasi moribundo com o peito varado pela espada de um official inimigo.

Luiz e Manuel conseguiram improvisar uma pequena maca com os capotes de que despojaram inimigos mortos no campo, n'ela deitaram carinhosamente o ferido e tomando os varas feitos de espingardas, transportaram-no assim para a ambulancia, onde o cirurgião lhes disse que o golpe interessára o pulmão e que Jeronimo devia morrer d'aí a poucas horas.

As ultimas palavras de Jeronimo, enfraquecendo gradualmente até se lhe extinguirem na garganta, foram ainda um reflexo da estoica filosofia d'aquelle espirito de eleição.

—Coragem, amigos, que é isso!

E os seus olhos voltavam-se de um para o outro, desolados aos lados do leito.

—Faco menos falta que o pobre diabo que me feriu. Disse-lhe que se fingisse morto quando um dos nossos vinha sobre ele. Eu tinha-lhe visto rolar duas lagrimas ao despedaçá-lo um retrato que trazia ao peito, vibrando-lhe uma coronhada já impotente para o prostrar. Talvez da mulher amada... ainda pôde tornar a vê-la. Eu não tenho ninguém... Fica pão à velha Antonia; e umas courelas... como lembrança... aos meus covéis. Inverteram-se os papéis... Bemvinda a paz...

Jeronimo expirou durante a noite. Aos primeiros alvares do dia, Luiz e Manuel voltaram a combater, tendo cumprido o piedoso dever de conforar os restos de Jeronimo á terra estrangeira, que amoravelmente a abrigando no seu seio os filhos proprios e os adotivos, prostrados incessantemente nos campos de combate para a redimir.

Quando Margarida n'uma volta de ligadura lhe roçou com a mão na face, Manuel beijou-lh'a enternecido abrindo os olhos, que logo fechou deslumbrado perante aquella apparção envolta em roupagens brancas marcadas no peito com uma cruz vermelha.

—Margarida! — Murmurou elle baixinho — E' um sonho.

—Não é, senhor Manuel de Matos. Sou eu propria. Mas não fale, peço-lhe.

—Faço o que quizer.

—Então o que quero é que não fale. Não lhe peço mais nada.

—Peça!

—Desobediente—rallou Margarida, pondo-lhe sobre os labios a mão que elle tornou a beijar

Luiz, de pé junto do leito, olhava-os profundamente comovido.

O cordão das tropas aliadas, muito reduzido pelos recontros incessantes que se seguiram áquella memoravel batalha, tinham recebido durante a noite grandes reforços belgas, a que viera juntar-se um corpo inglez e continuavam a repellar os alemães para o norte em vigorosos ataques.

O dia que se seguiu á morte de Jeronimo tinha sido horroroso. Pela noite os feridos eram ás centenas nos hospitaes improvisados por toda a parte.

Entre os do batalhão de voluntarios, um ferido alcançado por estilhaços d'uma granada, parecia em estado comatoso. Absolutamente imóvel no leito sentia-se n'um estado de semi-Inconsciencia mal podendo fixar as idéas confusas que lhe passavam no cerebro com a Incoerencia do sonho. Com uma sensação estranha referida a um ponto da cabeça pareceu-lhe ouvir uma voz de homem dizer junto de si:

—Fractura da base do craneo com esquirola. Vamos fazer o trepano.—i'ausa curta.

—Tenha os ferros fervidos que eu volto já, enfermeira.

D'alí a pouco tornou a ter a mesma sensação seguida d'um tempo de Inconsciencia, de que despertou ouvindo um ruido que parecia de bróca. Mas, cousa singular, parecia vir de si proprio aquele som, cortado por uma voz suavissima que perguntava ao seu lado.

—Salva-se, doutor?

Que voz tão harmoniosa! E não lhe parecia desconhecida. Julgava que já poderia abrir os olhos mas não queria acordar d'aquelle sonho que lhe dava um grande bem estar, um estranho contentamento interior.

—E' quasi certo—retorquiu o cirurgião—mas não deve fazer um movimento sequer. Compressas.—Téla.—Curto silencio.—Acabe de pôr a ligadura que vou a outro. Tenho o maior empenho no resultado d'esta operação. Confio em si, Margarida. Não se afaste d'aquí.

—Margarida!

Não havia duvidta que Manuel de Matos ouvira distintamente. Reconhecia agora a voz referida áquelle nome. Estaria acordado?

Quería vê-la.

... por mim, minha querida mãe, escrevia Luiz das trincheiras um mez depois, Julgo-me invulneravel. Não é para os alemães descobrirem o meu calcanhar. O meu amigo Manuel entrou em boa convalescencia e anela por se levantar para voltar a combater. Não quer ficar atraz da mulher que ama e que é o conforto dos que padecem e a enfermeira em quem os cirurgiões mais confiam pelo zelo incansavel, pela sua conscienciosa obediencia.

«Seria um crime de lesa-humanidade — dizia-me ella um dia d'estes — abandonar os campos de batalha para ir fruir egoistamente a felicidade no amor que Manuel me oferece. O amor fortalece-se da esperanza e não da realisacão das suas aspirações. Deixemol-o robustecer.»

Este casamento só tarde, portanto, se realisará, visto ser opinião dos mais sabedores em materia de guerra que a actual se prolongará até fins do ano que vem.

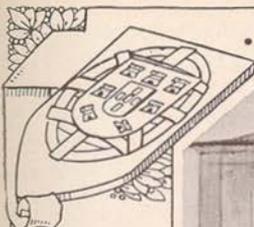
Quando posso arranjar umas flores, ordinariamente estevas, que raro encontro coisa melhor, vou deixal-as com uma saudade d'alma na cruz tóca feita de ramos de arvores, que puz a assinalar o campo do meu querido Jeronimo, do inolvidavel amigo que tanto me quiz. Os meus primeiros estudos praticos hei de fazel-os nas courelas que elle me deixou; mas se o pae tiver entretanto difficuldades no negocio, que não peça dinheiro a ninguém. Antes quero que as hipoteque. Os nossos bens são para os nossos males que não precisamos de dar a saber a todos.

Não se arreceiem por mim, que áparte uma cutilladisa de que levo a cicatriz como recordação da gloriosa batalha do Marne, conto voltar a abraçal-os são e escorreito no fim da guerra.

23—1—15.

Am. C.





Já no seu numero anterior a *Ilustração Portuguesa* publicou alguns clichés dos aspectos da reunião do Congresso, realisada no palacio da Mitra, em Loures, por não ter sido consentida pelo governo a reunião do parlamento na sua propria casa. Mas, como convém que a attitude dos membros das duas camaras fique o mais largamente documentada possível para elementos da Historia, inserimos ainda hoje outros clichés de igual valor como subsídios para quem tenha de escrever sobre a epoca agitada que atravessamos.



O largo do Paço da Mitra em Santo Antão do Tojal

Esse caso, que tanto interessou o paiz e que é unico nos seus anaes parlamentares, deve ficar recordado como um ato de solidariedade partidaria, bem digno de exemplo. Nenhum deputado,

nem senador do partido democratico e dos independentes deixou de ir sancionar com a sua presença aquela grande manifestação colectiva. Até o sr. dr. Aquiles Gonçalves, para não faltar, ergueu-se do leito onde havia dias estava doente, e, a troco d'um grande esforço, conseguiu transportar-se até ahi, e depois de cumprir um dever, para ele talvez o mais sagrado, voltou de novo ao seu leito de doente, onde expirou, vittima de uma recaída!

O palacio da Mitra, onde os parlamentares levantaram o energico protesto que tanto retombou no paiz,



Chegada a Santo Antão do Tojal do sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da camara dos deputados, onde foi recebido pelos senadores e deputados



e que tantos defensores encontrou em instituições de eleição popular, é um edifício muito antigo e tanto, que se não sabe quem foi o prelado lisboense que fundou o primitivo palácio, ou se ele lhe foi dado já construído. O que se sabe é que foi D. Tomaz d'Almeida, filho dos condes de Avintes e depois elevados a marqueses do Lavradio, que, sendo o primeiro cardeal patriarca de Lisboa desde 1716 até 1754, reconstruiu, desde os alicerces, o atual palácio da Mitra, dando ao novo edifício mais grandezza e mais nobre aparência, porque o antigo era apenas uma modesta casa de campo. A sua ar-



1. Paço da Mitra em Santo António do Tojal, onde reuniu o Congresso da República na tarde de 4 do corrente.—2. Depois da sessão: O sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da camara dos deputados, tendo à direita o senador sr. dr. Bernardino Machado e à esquerda o sr. dr. Afonso Costa.—3. O sr. dr. Afonso Costa lendo na camara dos deputados a moção que foi aprovada por unanimidade.—4. O senador sr. dr. Daniel Rodrigues e seu irmão o deputado sr. dr. Rodrigo José Rodrigues, saindo do palácio da Mitra



quitura é regular e de boas proporções, mas no desengraçado estilo do século XVIII, de que o marquez de Pombal tanto gostava. O portão da entrada para o pátio, com a sua corôa de balastradas e piramides, é esbelto e de boa arquitetura. As salas do palácio são grandes, mas pobremente decoradas. O terreno ocupado pelo jardim e pela quinta é vastissimo. A magnífica propriedade es-



tá situada em terreno elevado, sobre a margem direita do Tejo, de maneira que a estrada desce para ambos os lados. Das janelas e dos jardins goza-se a soberba vista do magestoso rio, que n'aquelle sitio tem quinze kilometros de largura. Hoje estão instaladas no palácio da Mitra as escolas primarias da freguezia de Santo António do Tojal, pertencente ao concelho de Loures.



1. Grupo de deputados e senadores depois da sessão. Ao centro vê-se o general sr. Correia Barreto, presidente do Senado, tendo á sua direita os maiores srs. Pereira Bastos e Sá Cardoso—2. O tenente-coronel sr. Paulino d'Andrade declara ao senador sr. dr. Bernardino Machado a ordem do governo proibindo a entrada no palácio do Congresso—3. O palácio do Congresso em St. Bento cercado por forças de policia e infantaria da guarda republicana—(Clíchés Benoit).

# HINO PATRIOTICO

(Aos meus colegas da Instrução Militar Preparatoria)



Fômos heroes e valentes  
— Diletos filhos de Marte —  
No mar e nos continentes  
Vencedores em toda a parte!  
A nossa historia é imensa,  
E no mundo a principal.  
Escreveu-a á luz da crença  
O gigante Portugal!

Portugal! A tua róta  
No mundo é um esplendor.  
Que o afirme Aljubarrota  
Que o diga o Adamastor!  
Terra de ventos fagueiros,  
Que as ondas veem beijar,  
Viuvias de marinheiros  
Por eles sempre a rezar...

Nosso peito é um sacrario  
De vi-tudes sup'riores,  
O soldado temerario  
Guarda n'ele dois amores:  
O da familia é sagrado,  
E o da Patria esse é bemdito,  
— Mais lindos que o sol doirado  
Que brilha no infinito!

N'uma das mãos a enxada,  
Que os campos faz reflorir,  
N'outra empunhemos a espada,  
Demos á Patria um porvir.  
P'ra que não seja falaz  
O esforço de quem trabalha,  
Sejamos fortes na paz  
Destemidos na batalha!



Um aeroplano inglez perseguindo um aeroplano alemão

## Para os expedicionarios portuguezes



Na Ilustração Portuguesa: Os volumes de roupas e pensos enviados pelo *Seculo* aos expedicionarios portuguezes

A subscrição nacional aberta pelo *Seculo* em favor dos feridos da guerra, ampliando os seus beneficios aos soldados portuguezes que combatem em Africa, tem tido um exito muito superior ao que podiam deixar prever as dificeis circumstancias economicas que estamos atravessando, por causa da guerra, como aliis todos os outros povos.

Com o produto da sua subscrição já o *Seculo* enviou para os hospitaes e postos hospitalares da França tres grandes remessas de socorros, n'um total de 21.378 peças. E no dia 5 d'este mez foram expedidos para o sul d'Angola, por intermedio do ministerio das co onias, 21 fardos, contendo 7.692 peças de roupa e pensos destinados aos nossos soldados, estando já em preparação uma nova remessa que não deve ser menos importante do que esta.

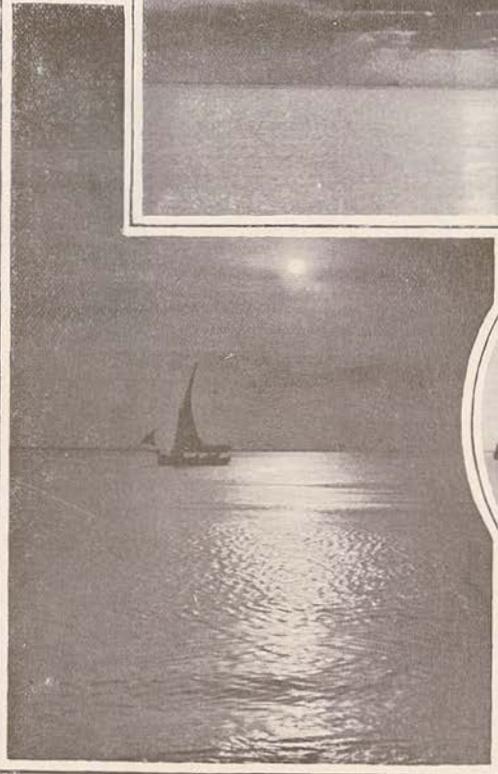
Não ha duvida: O *Seculo* com o seu apelo continúa a despertar por todo o paiz a maior simpatia e interesse pelas tropas portuguezas que já tiveram um duro embate com as forças alemãs, com sacrificio para nós de algumas dezenas de vidas. Nem era de esperar outra coisa dos sentimentos patrioticos de uma nação, como a nossa, que n'um admiravel movimento de espontaneidade, apenas se travou a guerra, acudiu a trazer ao *Seculo* toda a especie de donativos, em dinheiro, pensos e agasalhos para os soldados estrangeiros, sem distincção de nações, que caíam feridos no campo de batalha.

Se os portuguezes eram tão prontos e generosos para com os dos outros paizes, não o deviam ser menos para com os seus soldados. E assim tem acontecido, o que é para registar com intima satisfação.

Não são apenas os donativos pessoais, isolados, que todos os dias chegam ao *Seculo*. São subscrições que se abrem para engrossar a sua; são festas que se promovem pelos theatros, clubs e sociedades de recreio; são bandos precatórios que se organisam por toda a parte; convergindo toda a receita para o *Seculo* que a transforma o mais rapida e economicamente possivel nos objetos mais necessarios aos nossos soldados, reunindo-os e acondicionando-os depois em volumosas remessas, como aquella que acaba de expedir para as nossas tropas em campanha na Africa.



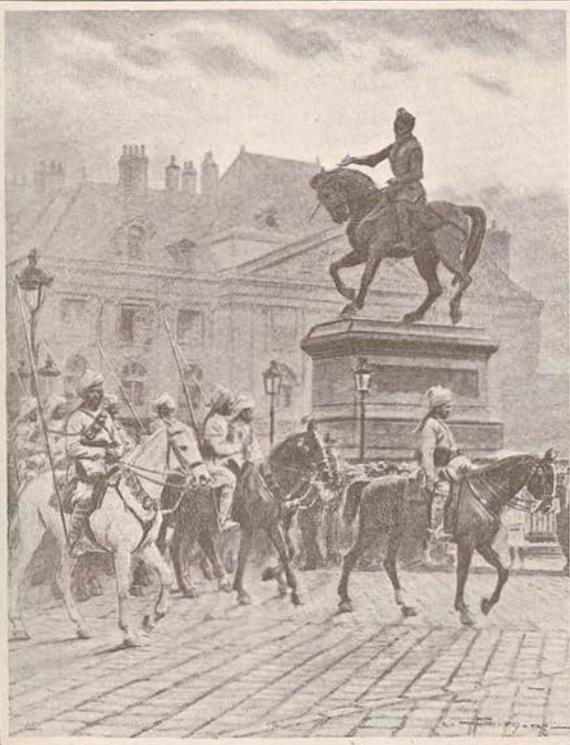
# No Tejo



Fotografias artísticas do distinto fotografo amador sr. Raul Reis, oferecidas á Illustração Portugueza.

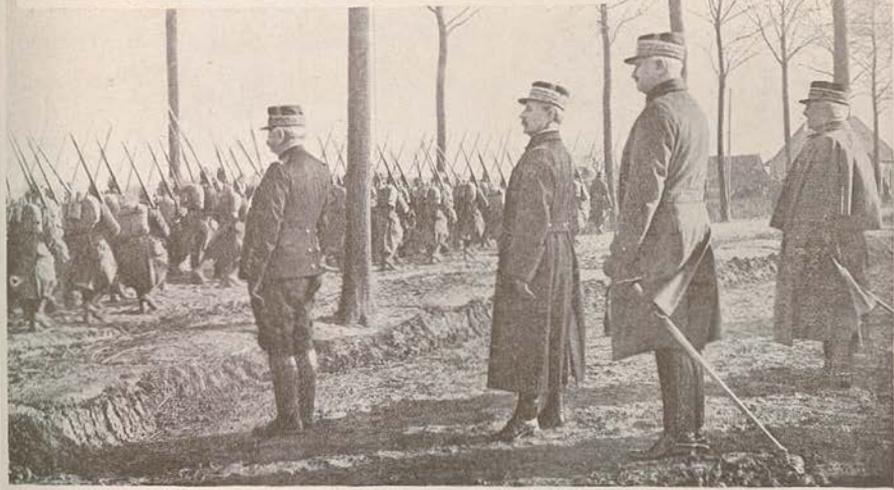
1. Pôr do Sol
2. Noite de luar
3. Sol encoberto
4. Ao entardecer

# O Velho Mundo em Guerra



As ultimas noticias dão a esquadra aliada perto do mar de Marmara. Está, quasi vencida talvez a peor parte do caminho para Constantinopla. Os 70 kilometros dos Dardanelos com os seus fortes bem defendidos, sem falar n'outras muitas fortificações antigas, algumas das quaes se procuraram restaurar, antolhavam-se a muita gente dificeis de transportar. Além d'isso, a corrente rapida do estreito em alguns pontos era outra dificuldade a considerar para o bom exito das operações e a ela se juntava o perigo das minas semeadas na passagem dos navios.

Transpostos os Dardanelos, a realisação do grande plano, que começou pela sua passagem, não tardará muito e com ela uma mudança profunda no estado atual da guerra. Quem destruiu os fortes do famoso estreito não teme de certo as baterias das ilhas do mar de Marmara. E' mesmo provavel que a esquadra russa do Mar Negro, ao saber a entrada dos



1. Um destacamento de lanceiros de Bengala desfilando deante da estatua de Joana d'Arc, em Orleans  
2. Os generaes Joffre, Foch, Urbal e Baloulier assistindo ao desfile de tropas que seguem para os campos de batalha  
(Fot. S. d'A., da Illustration)



1

navios aliados n'aquela mar que não é mais do que o prolongamento dos Dardanelos, combine com eles uma ação sobre o Bosphoro, e a queda de Constantinopla será dentro em pouco um facto consumado, tanto mais que os russos devem ter sobre o Mar Negro contingentes prontos para, á primeira voz, operarem sobre a capital do imperio otomano.

Forçada a passagem do Bosphoro, a Russia fica com uma importante via de comunicação com a França e com a Inglaterra, de cuja falta já se estava resentindo muito para a importação de material de guerra. Assim, poderá com muito melhor e mais decisivo exito bater alemães, austriacos e turcos

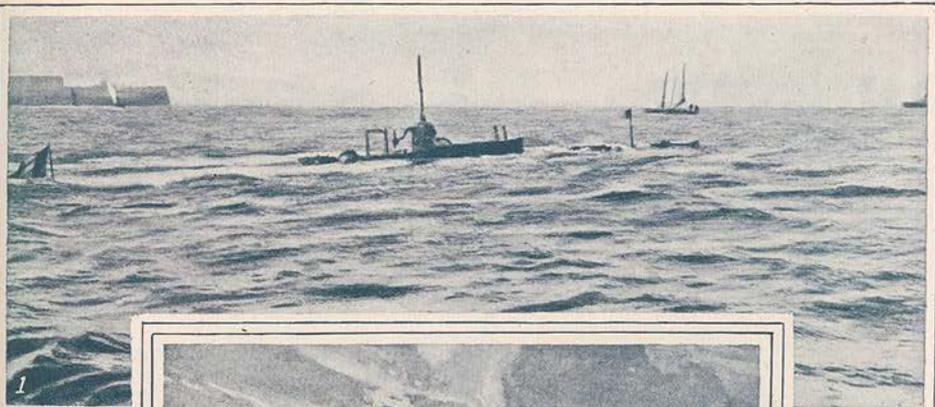


2



3

1. O transporte de um ferido depois da batalha.—2. Uma trincheira russa.—3. Alemães mor os ao tentarem atravessar as vedações de arame farpado de uma trincheira.—(Clichés. Husseau-Flaviens)

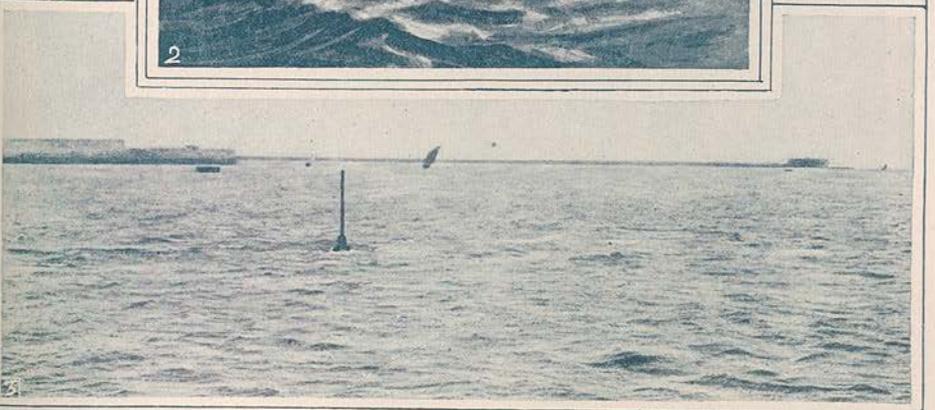


sobre a linha  
oriental da  
grande luta.

A entrada  
da esquadra  
anglo-fran-  
cesa no Mar  
Negro não  
deixaria tam-  
bem de con-  
tribuir talvez  
para que a  
Bulgaria e a  
România  
precisassem  
melhor a sua  
atitude duvi-  
dosa perante  
o conflito,  
não resistin-  
do a Grecia  
a intervir  
n'ele. Por ul-



timo, a Italia,  
conflagrado  
todo o orien-  
te da Euro-  
pa e compli-  
cava cada  
vez mais a  
briga de in-  
teresses in-  
ternacionaes,  
não poderia,  
de certo,  
conservar-se  
de braços  
cruzados, e  
quebraria  
essa neutra-  
lidade for-  
çada, em  
que, visivel-  
mente, tanto  
custa já a  
aguentar-se.



1. Um submarino, que mal se vê á superficie da agua, segue adiante de outro que navega a descoberto—2. Um submarino flutuando livremente, de noite, sobre as ondas—3. Depois de um combate, um-submarino submerge-se, vendo-se-lhe apenas pouco do periscopio.



1. Um aeroplano alemão «Taubes» capturado pelos francezes e exposto nos Invalidos, em Paris  
2. Abrigos abertos á beira de uma estrada

OS FILHOS DO REI DA BELGICA

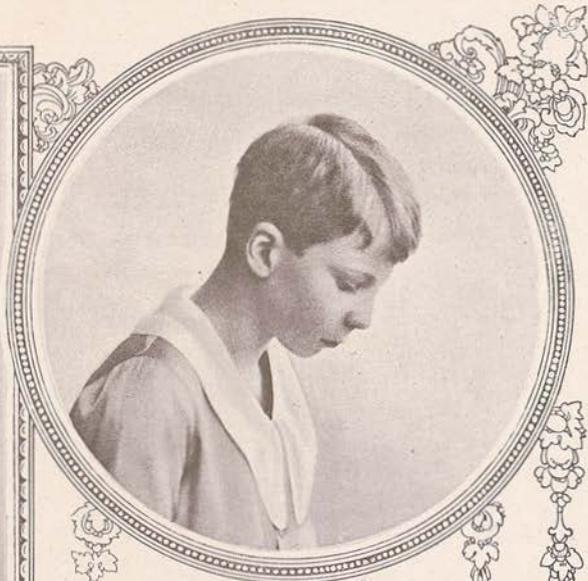


O principe Leopoldo, duque de Brabant



A princeza Maria José

(The Sketch).



O principe Carlos Teodoro, conde de Flandres



O campo da batalha à hora do crepúsculo

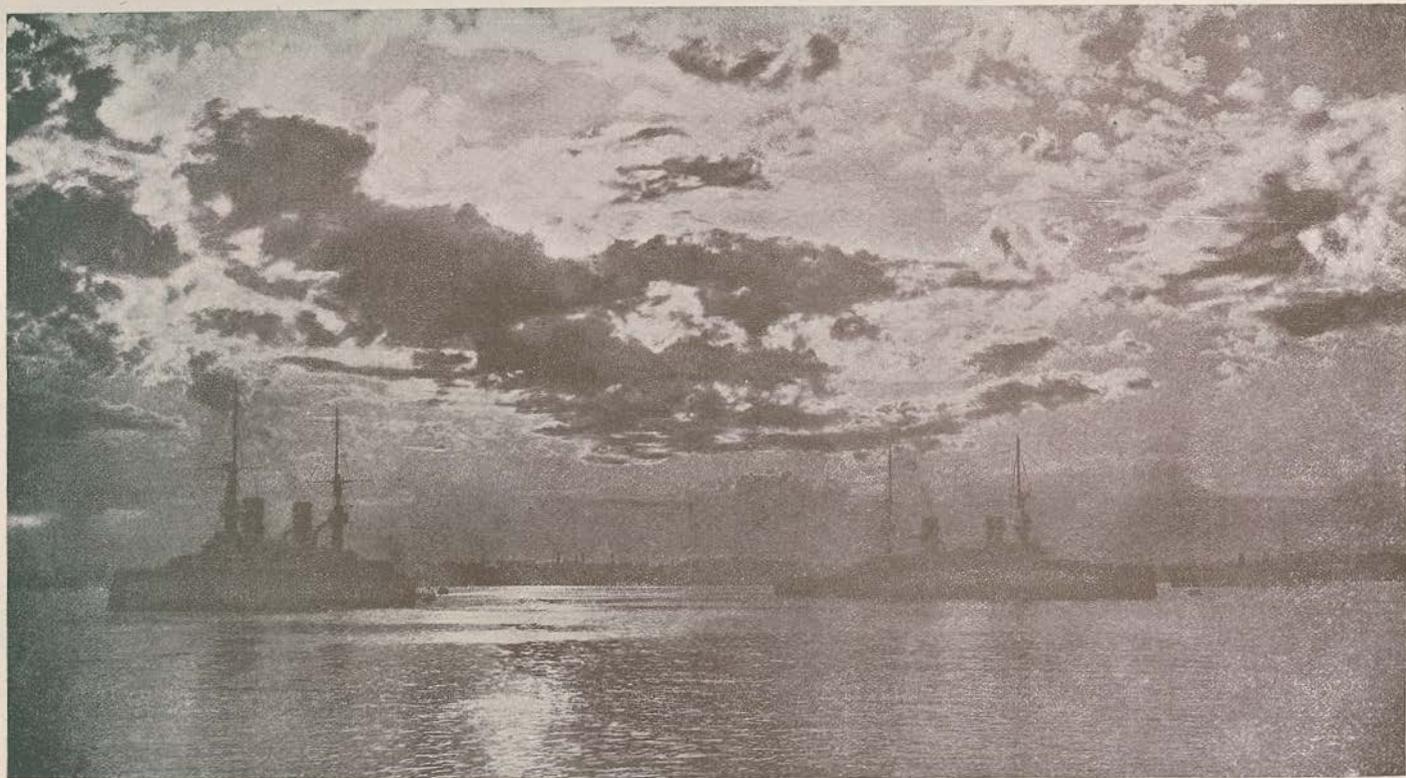
(Desenho de J. Simont—Da Illustration).



### INGLEZES E TURCOS NO SUEZ

Os ingleses arrostam valentemente com um esquadrão de beduínos a que se seguem outras tropas turcas numerosas, comandadas por alemães, para forçarem a passagem do Canal de

Suez e invadirem o Egipto, louca empreza ha tanto tempo sonhada e de que foram obrigados a desistir depois de sucessivas e formidaveis derrotas.



*UM ESCONDERIJO DA ESQUADRA ALEMÃ*

Com o porto de Kiel e as obras de alargamento e aprofundamento feitas no canal do mesmo nome, com um dispendio de 12 milhões de libras, julga-

va a Alemanha que tinha uma base de operações para poder destruir com relativa facilidade as esquadras inimigas. E' o que se tem visto. Se os na-

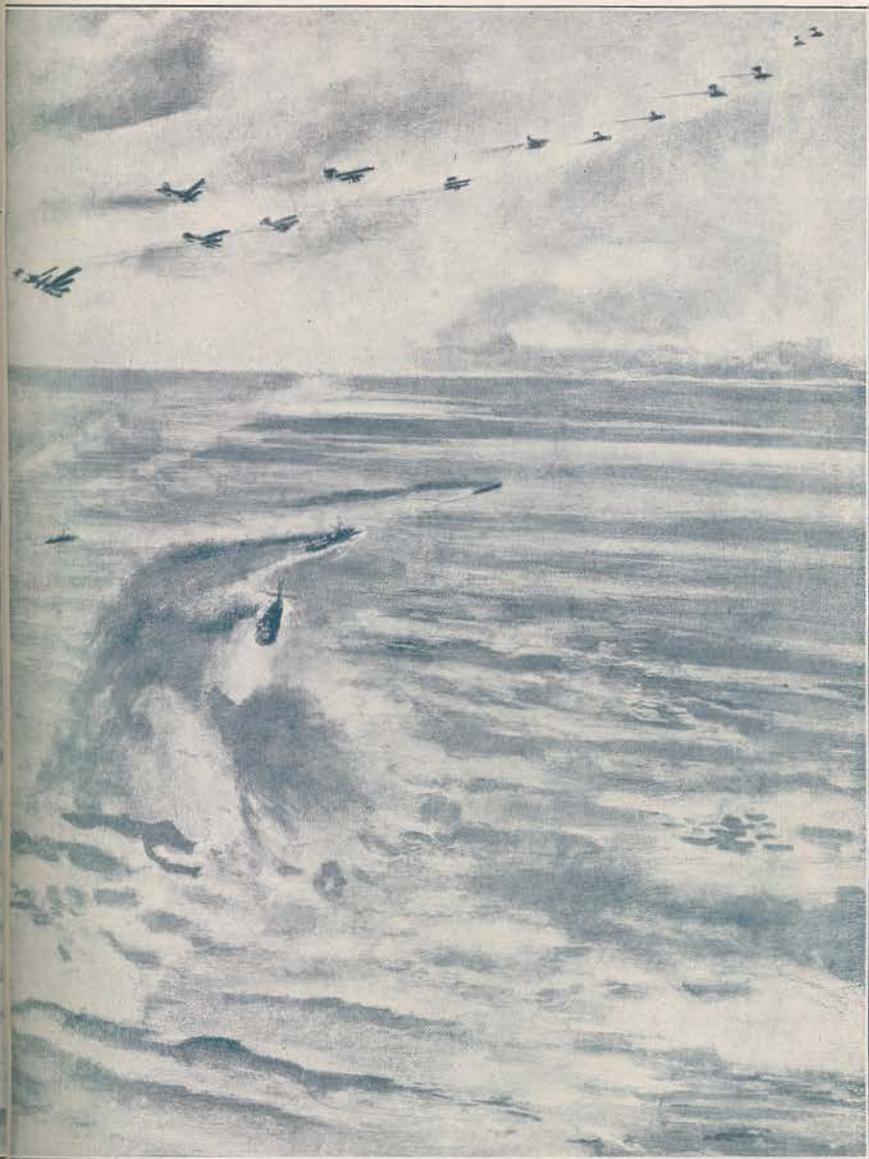
vios alemães saem d'esse esconderijo, são logo metidos a pique. Agora encontram-se eles ali n'uma vergonhosa inação.

## A partida de um grande "raid" aereo que faz lembrar o vôo de patos bravos



brando-se graciosamente nas suas azas em direção à costa da Bélgica. Levantaram-se todos ao mesmo tempo, erguendo-se bem alto para se libertarem do nevoeiro e desenhando mansamente no espaço uma extensa linha, que dava a perfeita impressão de um bando de patos bravos.

A operação que eles realizaram nas regiões de Brugge, Ze-



brugge, Blankenberghe e Ostende foi admirável, lançando inúmeras bombas sobre os acampamentos alemães, sobre os seus navios, depósitos, etc. transformando-lhes todas as suas bases de operações. Escaparam ao fogo das trincheiras e das metralhadoras do inimigo e a uma medonha tempestade de neve, regressando triunfantes e incólumes à Inglaterra, ficando apenas dois aparelhos da-

nificados. Todos os pilotos saíram salvos d'esta singular e brilhante aventura. Até o valente comandante da esquadilha, Graham-Wite que, n'um movimento arrojadíssimo, caiu ao mar em Newport e cujo desaparecimento tantos cuidados causou, foi recolhido por um navio francez. Esta foi considerada geralmente a primeira prova brilhante do papel da navegação aerea na guerra.

Foi um espetáculo novo, impressionante, o de 31 aereo e hidro-aeroplanos, no dia 12 do mez passado, partindo de Inglaterra. Il-

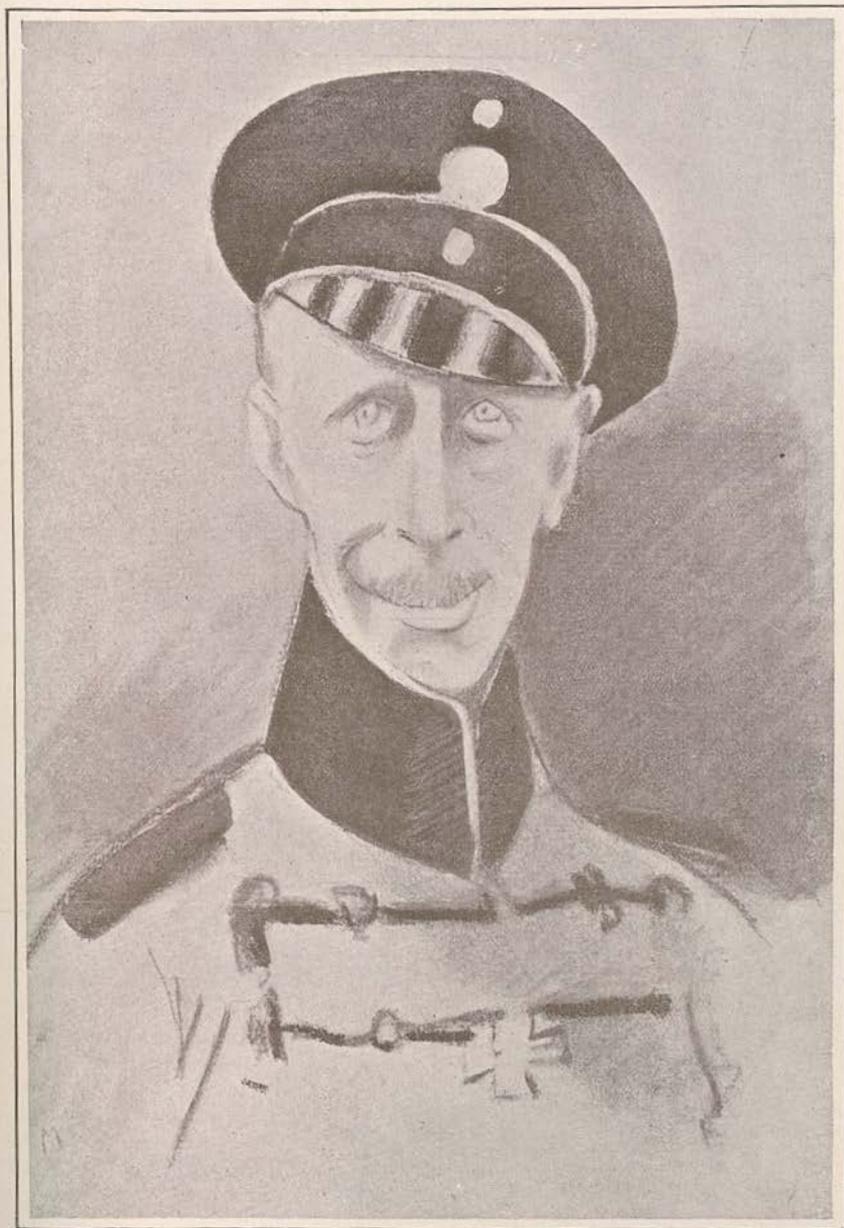
## OS INGLEZES SOBRE O MAR



O oficial de um cruzador inglês visita um navio que se lhe tornou suspeito de levar contrabando de guerra, afirmando o comandante que não o levava e recusando-se a deixar que passassem uma revista a bordo, in-

dispensavel para se verificar se é verda.le o que afirma. O facto, como é natural, produziu um grande panico nos passageiros que não iam jurar que nos porões só ia carga inofensiva.

Como o grande caricaturista SEM vê o príncipe herdeiro da Alemanha



Conforme o representa Sem, artista de uma intuição prodigiosa em apanhar o caracter das suas vitimas, o kronprinz tem cara de quem é absolutamente irresponsavel pelos seus atos.

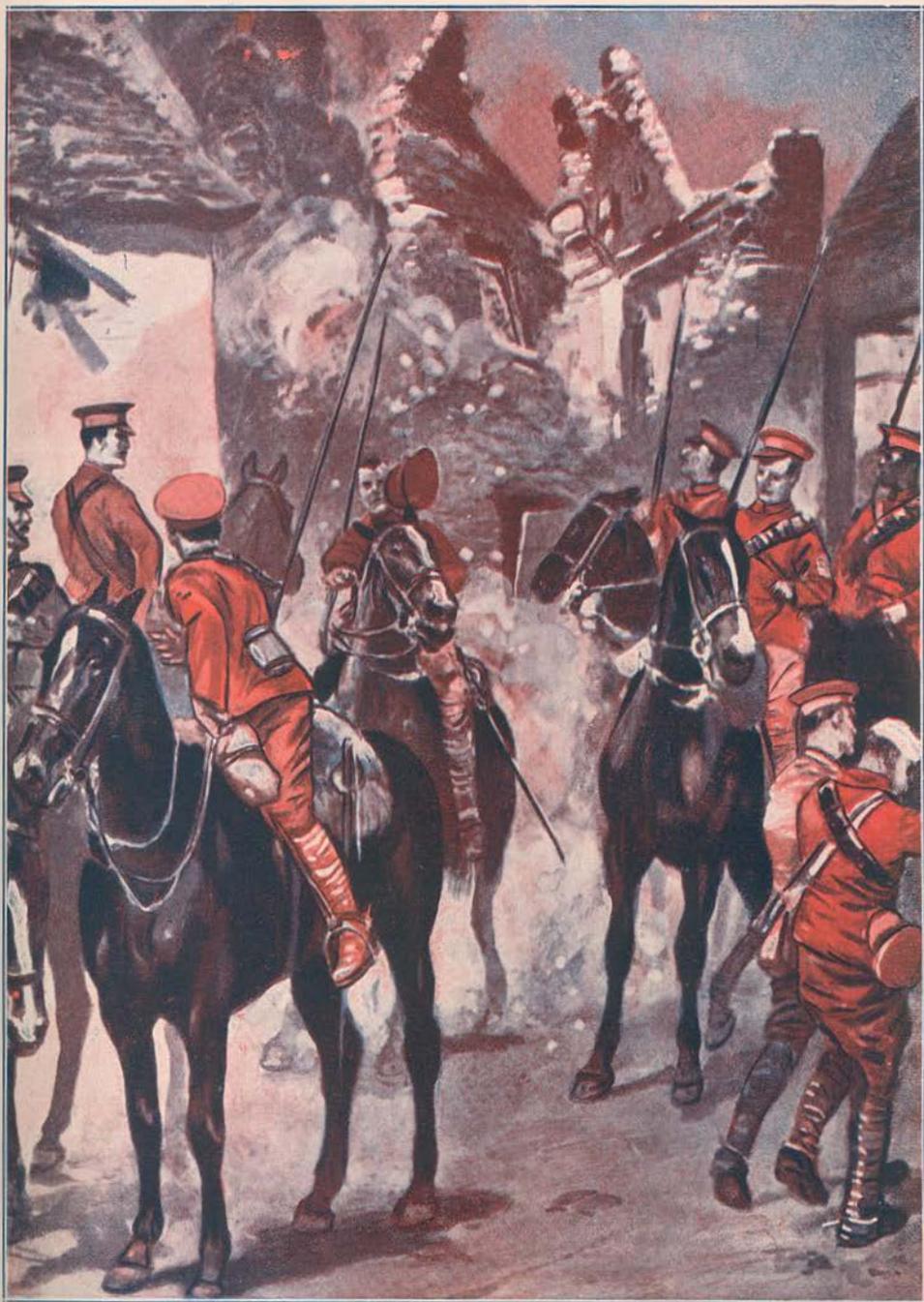
(Da *The Bystander*).

## NA NOVA POLONIA

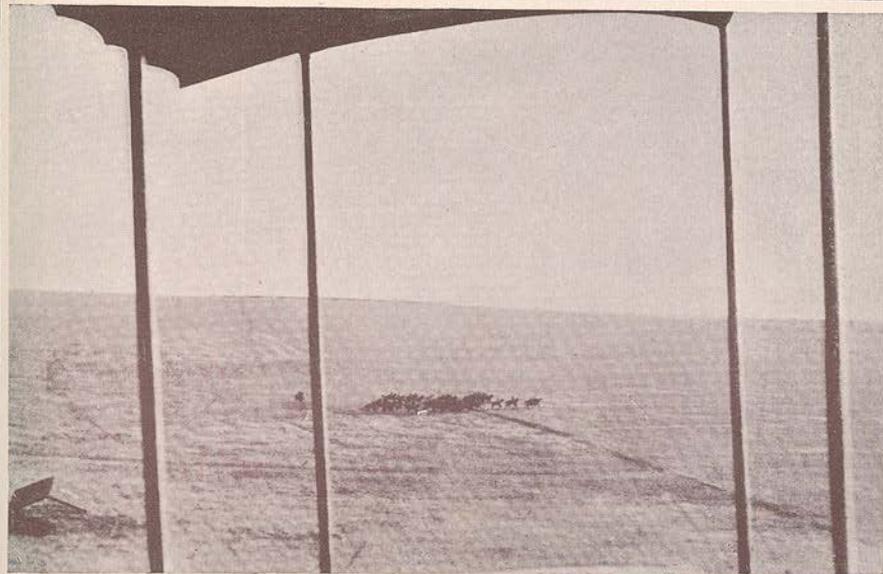


Um judeu prussiano para outro judeu russo. Dá-me a tua bandeira eu e dou-te a minha; depois, com ares de quem as tomou, vamos reclamar a recompensa. Valeu ?

(Da *The Bystander*).



Na passagem da cavalaria inglesa por uma aldeia da França, as casas desmoronavam-se como castelos; de cartas



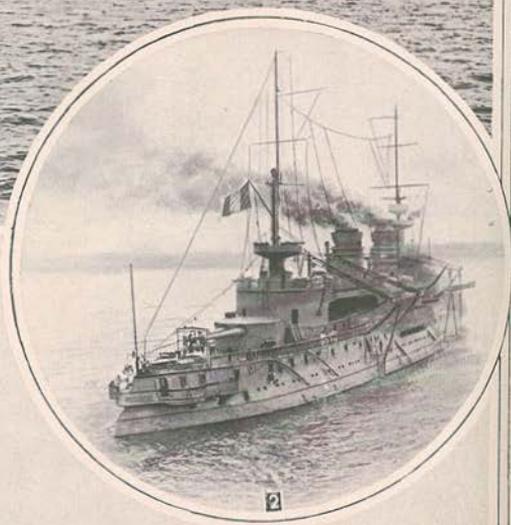
Efeito que faz, visto de muito alto, um esquadrão de cavalaria marchando ao encontro do inimigo

A fotografia que reproduzimos foi tirada de um aeroplano, de que ainda se vê parte da armação. A estes aparelhos se deve, além dos serviços, que estão prestando na guerra, quer de vigilância quer de ataque, o colher

pelas objetivas as grandes extensões de paizes e os acontecimentos, que sobre elas se dão, sob aspectos interessantíssimos, novos, quasi inverosímeis em confronto d'aquelles sob que ordinariamente os vemos.



Patrulha franceza na floresta d'Argonne, onde se tem dado tão vivos ataques, sempre com vantagens para o exercito dos aliados



### O ESTREITO DOS DARDANELOS

O estreito de Dardanelos parece um rio, correndo do Mar de Marmara para o Arquipelago, entre a Europa e a Asia. A margem d'este lado é mais pitoresca. A sua defeza tinha fama de o tornar inexpugnável.

vel, fama prestes a desfazer-se de todo. De um lado e outro, principalmente da Europa, apresenta redutos velhos, fortes restaurados e de construção recente, baterias, além de muitos torpedos imersos.

1. Santarl e a torre de Leandro á entrada do Mar de Marmara.—(Cliché, Chusseau-Flaviens).—2. O couraçado francez *Gaulois* que tomou parte, no bombardeamento dos Dardanelos.—(Cliché, Branger).—3. A entrada dos Dardanelos, junto de Sédil Bahl.—(Cliché, Chusseau-Flaviens).

# Dois mortos ilustres

**Dr. Aquiles Gonçalves.**—Contando apenas 34 anos, faleceu, vítima por uma febre gripal, o sr. dr. Aquiles Gonçalves, advogado muito distinto e conhecidissimo no fóro portuguez pelo seu brilhante talento. Filiado no partido democratico, foi ministro do fomento no ministerio Bernardino Machado, desempenhando com o maior criterio tão espinhoso logar.

Deputado ás Constituintes, não faltou a cumprir com o seu dever de solidariedade partidaria á reunião do Congresso no Palacio da Mitra, de vendo-se talvez a esse excesso de disciplina o deseniace fatal pelo agravamento da doença que o reminha no leito.

O sr. dr. Aquiles Gonçalves evidenciou-se na Camara dos Deputados sobre assuntos financeiros, e era atualmente um dos vogaes da Junta do Credito Publico eleito pelo Congresso. A sua morte causou profunda impressão no paiz, mas muito principalmente em Lisboa, onde exercia com distincção a advocacia, e em Coimbra onde cursou a cadeira de direito e se formou em 1909. O illustre morto deixa viuva a sr.<sup>a</sup> D. Maria Oliva Gonçalves.



Um aspêto do funeral do sr. dr. Aquiles Gonçalves



O sr. dr. Aquiles Gonçalves



O sr. Visconde de Meireles

**Visconde de Meireles**—Espirito finissimo, com a variada cultura de quem viu muito mundo e tirou lição de quanto viu e ouviu, o visconde de Meireles realisava o tipo ideal do diplomata. Mesmo nas conversas mais calorosas ou nos seus escritos mais vivos de critica nunca perdeu essa linha fina, como não a perdeu no seu traje sempre elegante e na sua desempenada estatura.

Natural da Ilha Terceira, descendente de

uma das mais nobres e antigas familias dos Açores, Meireles Canto e Castro, o visconde de Meireles, não exerceu só cargos diplomaticos, o ultimo dos quaes foi o de ministro plenipotenciario em Montevidéo e Buenos Aires; foi governador no nosso ultramar e dirigiu a alfandega de Moçambique, desempenhando sempre todos esses cargos com equal criterio, seriedade e serena energia.

Retirado ha poucos anos da vida diplomatica ia passar uma grande parte do tempo em Inglaterra em companhia de

uma das suas filhas, casada com mr. Hamilton Gordon. Da ultima viagem que lá fez voltou doente, muito doente. E foi essa doença que o roubou aos carinhos devotados de uma familia extremosa e á convivencia dos amigos, que os tinha dos mais dedicados. O visconde de Meireles faleceu no seu palacio do Dáfundo em 8 d'este mez e o seu funeral foi uma sentida homenagem de respeito e de saudade.



Um aspêto do funeral do sr. Visconde de Meireles—(Glichês de Benoliel)

# A FESTA DA ARVORE



dade, havendo em todas as escolas officiaes e outras instituições de ensino sessões em que os oradores incitaram as creanças ao respeito pela arvore, cantando elas hinos festivos e adequados ao assunto que se celebrava. O «Seculo Agricola» foi imensamente ovacionado pela iniciativa da festa, fazendo todos os oradores as mais lisongeiras referencias áquele jornal pelo exito alcançado.

No dia 7 realisou-se em todo o paiz a «Festa da Arvore» da iniciativa do «Seculo Agricola», que, como as efetuadas nos anos anteriores, decorreu brilhantissima. Em Lisboa a plantação da arvore atingiu a maxima soleni-



4. No Lumiar: Um aspecto do cortejo antes da plantação da arvore.—2. Cerimonia da plantação da arvore na escola official n.º 1.  
3. A festa dos Recreatorios Post-Escolares que antecedeu a plantação da arvore.—(«Clichés» Benolleil).

## O deputado dr. Henrique Cardoso

Não só os membros do partido a que pertencia o sr. dr. Henrique dos Santos Cardoso, tão tragicamente assassinado perto do Diretório Republicano, mas muitas pessoas de todas as classes sociais se incorporaram no cortejo fúnebre que acompanhou os restos d'aquela deputado á estação da Avenida, de onde seguiram para o Porto para ali serem sepultados.

Antes da partida do comboio os srs. drs. Afonso Costa e Alexandre Braga prestaram homenagem á memoria do morto, pondo em relevo a sua figura co-



mo politico e elogiando o seu caracter pessoal.

No Porto, o enterro realizou-se com toda a pompa, tendo-se incorporado no cortejo, entre milhares de pessoas, um grande numero de amigos politicos e pessoas do sr. Henrique dos Santos Cardoso, que era d'ali natural e representava em côrtes a cidade.

A' beira da sepultura foram proferidas sentidas palavras pelos srs. drs. Afonso Costa, Alexandre Braga, Bernardo Lucas e outros vultos do partido democratico.



1 Os srs. drs. Afonso Costa (1), Alexandre Braga (2), Pereira Osorio (3), Antonio Macielra (4), e outros membros do partido democratico no cortejo fúnebre.—2. A passagem do feretro na Avenida da Liberdade.— («Clichés» Benolle).

# Sociedade da Cruz Vermelha do Porto

Para a distribuição de medalhas e diplomas aos salvadores dos naufragos do paquete «Veronese», realizou-se no salão nobre do Centro Commercial do Porto uma sessão solene a que presidiu o almirante sr. Tasso de Figueiredo.

Tanto este senhor como os oradores



O almirante sr. Tasso de Figueiredo, tendo à direita o general sr. Gibrão e à esquerda o presidente da Cruz Vermelha

que se lhe seguiram enalteceram a obra humanitária da Cruz Vermelha e o heroísmo das pessoas que cooperaram no salvamento d'aquelles naufragos. No mesmo dia foi inaugurada a sede da Cruz Vermelha no Porto, havendo entre os socios grande regosijo por esse facto.



2. As enfermeiras da Cruz Vermelha — 3. Os enfermeiros da Cruz Vermelha — 4. O pessoal superior da Cruz Vermelha («Clichés do sr. Alvaro Martins»)



**Boavida Portugal.**—O jornalista sr. Boavida Portugal reuniu em volume as suas interessantes entrevistas publicadas na «Republica» acerca da mentalidade portugueza. E' um volume de valor, pois contém a opinião de autorisados escritores sobre os homens mais eninentes da actualidade.



O sr. Boavida Portugal

**Antero de Figueiredo.**—A emocionante novela «Doída de Amors» teve uma nova edição, depois de revista pelo seu autor, o sr. dr. Antero de Figueiredo. Como romance de paixão não tem rival este trabalho do distinto romancista, que tão notavelmente sabe traduzir as agitações de almas namoradas.

O sr. dr. Antero de Figueiredo.

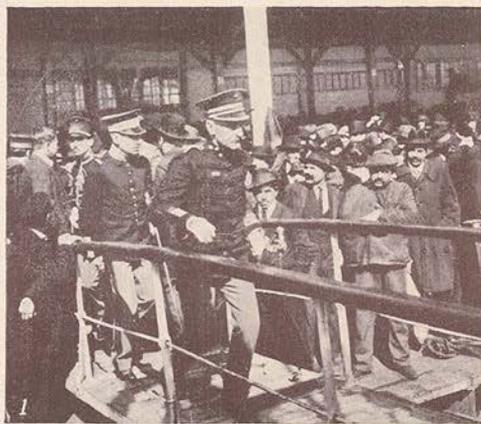


Uma cascata construida pelos Irmãos Barros, em Manaus

(«Cliché do distinto amator sr. Abel da Costa Mendes)



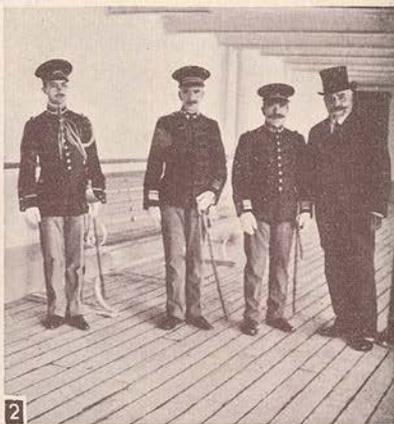
4. e 5. A sr.ª D. Palmira Moreira de Magalhães e o sr. Alvaro Vidal, correspondente do *Seculo* em Agueda, casados no mez passado em Albergaria-a-Velha. — 6. O casamento da sr.ª Elisa de Souza Alves Martins, filha do sr. Alfredo Alves Martins, com o sr. José Francisco Lourenço da Cunha: a saída dos noivos e convidados da igreja de S. Mamede. — («Cliché. Benollet».)



1 O general sr. Pereira d'Eça, novo governador geral de Angola, embarcando no «Africa».

(«Clichés» Benoitte).

**Novo governador de Angola.**—A assumir a cargo de novo governador de Angola partiu para esta nossa provincia ultramarina o general sr. Pereira d'Eça, que vae tambem



2 O ministro das colonias, sr. Teófilo da Fonseca, tendo á sua direita o general sr. Pereira d'Eça e á esquerda o sr. Forbes Bessa, secretario geral da presidencia da Republica.

tomar o comando das forças portuguezas que ali combatem os alemães. Teve uma despedida muito afetuosa, indo cumprimental-o a bordo o ministro das colonias.



3. O sr. José Maria d'Araujo Freire de Andrade, antigo advogado provisional e proprietario em Lourenço Marques, onde faleceu.  
4. O sr. Henrique Ricardo Branco, agente comercial da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, falecido em Lisboa.

5. A sr.ª D. Maria Aires Dias, de 19 anos, falecida em Viana do Alemiteio, filha do sr. José Albino Dias, professor de desenho.

6. O sr. Manuel Alves Esteves, presidente do Centro Republicano Social de Lisboa, falecido n'esta cidade.

7. O sr. dr. Carlos Augusto Cordeiro, antigo advogado e procurador dos orfãos em S. Tomé, falecido ha dias em Lisboa.



8 A comissão que em Moura, organisou um espectáculo a favor da benemerita Sociedade Portuguezza da Cruz Vermelha, que se realiso em Beja, composta pelos srs. João Antonio Machado, Bento d'Assunção Figueira, Serafim José Tavares da Silva, Alfredo Pimenta Massapina, André dos Santos, Conceição e Joaquim da Esperança canudo, acompanhada d'alguns membros ativos da mesma Sociedade.

9 O grupo dramático sob a direcção do distinto ator sr. Armando Venancio, com alguns amadores de Moura que tomaram parte no espectáculo a favor da Sociedade Portuguezza da Cruz Vermelha realisado em Beja.

(«Clichés» do distinto fotografo amador sr. Artur Segurado).